

POÉTICA, ÉTICA E ESTÉTICA EM ODE TSU DER TOYB, DE ABRAHAM  
SUTSKEVER

POETICS, ETHICS AND AESTHETICS IN ODE TSU DER TOYB, BY  
ABRAHAM SUTSKEVER

Luciano Ramos Mendes<sup>1</sup>

RESUMO

Abraham Sutskever (1913-2010) foi um dos mais importantes poetas de língua iídiche do século XX. Sua obra é marcada pela precisão formal e pelo fascínio com o mundo natural. A partir do Holocausto, porém, coexiste com isso uma questão de teor testemunhal da qual o poeta vê-se impossibilitado de escapar. É em *ode tsu der toyb*, poema de 1955, que essa coexistência conflitante atinge seu ápice: Sutskever recupera imagens de poemas anteriores e utiliza formas neoclássicas perfeitas mas, lança, ao mesmo tempo, uma série de questionamentos sobre o papel do poeta frente à história. O objetivo do trabalho é realizar uma breve leitura dessas questões e das respostas encontradas por Sutskever, relacionando-as à poética da fase tardia de sua poesia.

Palavras-chave: Abraham Sutskever, poesia iídiche, ética, estética, poética.

ABSTRACT

Abraham Sutskever (1913-2010) was one of the most important yiddish poets of the 20<sup>th</sup> century. His work is noted for the formal precision and a fascination with nature. From the holocaust on, though, this exists side by side with a testimonial character from which the poet finds himself unable to escape. It is in *ode tsu der toyb*, a poem from 1955, that the conflict between these two aspects of his work

---

<sup>1</sup>Mestrando do programa de pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina

reaches its peak: the poet will recover images from older poems, using perfect neoclassical verses, raising, at the same time, lots of questions about the role of the poet when facing history. The aim of this work is to briefly read these questions and the answers the poet found, and relate them to this later work.

Keywords: Abraham Sutskever, yiddish poetry, ethics, aesthetics, poetics.

Abraham Sutskever foi um dos principais poetas de língua iídiche do século XX. Nasceu em Smorgon, hoje parte da Bielorrússia, passou parte da infância na Sibéria e depois viveu em Vilna. Publica diversos poemas em revistas polonesas e americanas, sendo parte do grupo de vanguarda *iung vilne*<sup>2</sup> e relacionando-se com os introspectivistas. Em 1936 publica seu primeiro livro, intitulado *lider* (Poemas). Durante a Segunda Guerra Mundial foi prisioneiro no Gueto de Vilna, onde perdeu a mãe e um filho recém-nascido. Escapou junto com sua esposa, unindo-se inicialmente aos *partisans* nas florestas lituanas e sendo resgatado pelos Soviéticos. Com o fim da guerra testemunha em Nuremberg e viaja pela Europa, fixando-se depois em Israel – onde funda a revista *di goldene keyt* (A corrente dourada), a publicação literária iídiche mais importante e mais duradoura do país. Viaja pela África, o que lhe inspira o ciclo poético *helfandn bay nakht* (Elefantes à noite).

Benjamin Harshav, que, junto com sua esposa Barbara, traduziu uma série de poemas de Sutskever para o inglês, subscreve a grandiosidade da poesia de Sutskever a três aspectos: a riqueza da língua, o holocausto judaico que é apenas aparentemente privado, assumindo na realidade um aspecto universal, a biografia bastante rica do poeta.

Um dos pontos considerados mais importantes em toda sua extensa obra é o poema *ode tsu der toyb* (Ode à pomba), de 1955. Publicado quando o poeta já residia em Israel, é considerado por muitos – como por exemplo Mordekhai Litvine (1983, p. 124) e Heather Valencia (1991, p. 411) – como um divisor de águas em sua obra, marcando uma guinada na direção de sua criatividade lírica.

---

<sup>2</sup>Todas as palavras em iídiche seguem o padrão de transliteração para o alfabeto latino proposto pelo YIVO.

Na primeira fase de seus escritos o poeta era profundamente influenciado pelo mundo externo, em especial o fascínio pelas paisagens da Sibéria e das maravilhas das florestas primitivas da Polônia. Com a experiência da guerra e do holocausto as preocupações estéticas passaram a dividir espaço com os problemas éticos do sobrevivente, o que gerava certo conflito.

É justamente em *ode tsu der toyb*, descrito por Avrom Regelson (1963, p.105) como 'uma conversa silenciosa entre o poeta e sua musa [...] uma conversa e uma confissão, um cômputo do mundo'<sup>3</sup>, em que esse conflito encontra solução.

É aquilo que em iídiche costumeiramente se chama de um *poeme* – um trabalho longo, de natureza narrativa – e um dos únicos de seus *poemes* em que Sutskever trata a poesia e a vocação poética como temas centrais, a outra sendo *sibir* (VALENCIA, 1991, p.410).

O título 'ode' é adequado: um ciclo longo, de assunto e dicção elevadas, com métrica estrita e rimas regulares. São dez partes, cada uma delas com quatro estrofes de quatro versos cada.

Formalmente, a rigidez impera: todos os poemas são compostos por quatro quartetos, sendo cada verso um hexâmetro dactílico, com cinco pés dactílicos e, ao fim, um troqueu. A cesura cai sempre após a primeira sílaba átona de cada terceiro pé, configurando cesuras femininas. As rimas são todas externas, emparelhadas, femininas e consoantes.

A narrativa divide-se em quatro partes, sendo três formadas por três poemas cada e uma última composta apenas pelo décimo poema, uma espécie de epílogo. Nos três primeiros poemas são introduzidas as principais imagens, a maioria das quais já havia aparecido anteriormente em sua obra, mas que aqui são combinadas para criarem novos significados: a pomba, representando a musa, que surge da transformação da pena de um anjo, as cores, a cantilena (*nigun*), a chuva, a neve, o fogo, a orquestra:

Coisa rara, na infância uma vez aparece  
sob o céu um anjo, em cores próprias resplandece.  
Logo desaparece, eterna a cantilena.

<sup>3</sup>Todas as traduções do iídiche para o português, incluindo citações e poemas, são diretas e de minha autoria.

Na chaminé seu rastro – uma única pena.

Não era um anjo comum, pois pensou no menino.  
A pena na neve, pomba – ímã vespertino.  
Rufia pomba neonata, aprende – um momento  
em círculos prateados despenca ao relento.

Ela beija o ninho de dedos que a acalenta.  
A penugem de neve, radiante arrulho alenta,  
ele a ensina a voar, como um grão bicar neblina.  
-Você me salvou – diz, e a cabeça inclina-

Seja breve na escolha, um dom lhe concedo!  
A neve eterna? Da alvura minha o segredo?  
Ébrio, ele demanda: “Se você me ama  
venha sempre, na chuva, neve e chama.”

Ainda nessa primeira parte Sutskever introduz também o tema da pré-existência das palavras, em um estado de mudez, de silêncio, aguardando serem libertas através dos lábios do poeta:

Sons presos em lábios, pérolas oceânicas fortes  
Mil anos de mudez e sobre o silêncio – a faca  
(...)  
Em meus lábios, súbito um beijo Quem sou, onde estou? Os fortes  
abrem-se sozinhos. O silêncio cortado pela faca.

Fala, ainda, do templo – com a palavra pouco usual em iídiche, “*templ*”, em detrimento de palavras que seriam mais corriqueiras como “*shul*” (sinagoga) ou ainda “*migdash*”<sup>4</sup> (que se relaciona com o *beys ha-migdash*, o Templo de Jerusalém). O templo simboliza aqui a harmonia, um aspecto apolíneo da poesia que precisa ser cuidadosamente construída através de trabalho árduo e racionalização. Ao lado disso está a imagem do vulcão, dionisíaca e complementar ao templo no universo poético de Sutskever.

Nesses quatro poemas iniciais são introduzidos símbolos alegóricos da poesia: a pomba/musa, o templo, a orquestra e a dançarina. Nos três poemas seguintes aparecem crises éticas surgidas no seio da vocação poética do poeta, que desenvolvem esses símbolos. No quinto poema o templo destruído, ressoando a experiência da Shoah. Isso aponta não apenas para uma imagem (a destruição do templo) que possuiu grande significância na cultura judaica (pela

---

<sup>4</sup> Migdash é transliteração da pronúncia iídiche da palavra. Adoto-a aqui pelo fato de ser iídiche e não hebraico o idioma de Sutskever – se fosse utilizar a palavra seria nesta forma.

destruição do *beys ha-migdash*) e remete à dúvida do poeta no significado de sua própria poesia frente à catástrofe:

O sol escurece. As cores mofam, em cinza.  
O templo incinerado é um animal que agoniza.

No sexto poema o embate entre o ético e o estético se torna bastante evidente: ao trazer a dançarina dos céus para a terra, assim destruindo nas chamas, ele efetivamente tira a poesia de seu lugar elevado, de puras formas, e a coloca em contato com o mundano e o terrível – a experiência individual e histórica – destruindo-a.

Sou culpado, foi um pecado demandar  
que a dançarina deva à terra retornar.  
Fogo abissal devorou seu azul juvenil,  
ela cinza - joias com fuligem, ardo febril.

Quem ajuda o eu lírico a encontrar uma resposta é justamente a sua musa, que lhe reafirma a validade de sua vocação poética e a significância da poesia:

Poetas, poetas, sem vocês a vida é sonho fugaz  
Sem poesia a vida se curvaria ante a morte como um camelo  
Homem e besta torturar-se-iam, estranhos e mudos  
Minha fiel pomba não me acompanharia em sua flauta.

No sétimo poema, o problema é similar ao postulado por Adorno, ao falar sobre a impossibilidade da poesia após o holocausto; Sutskever porém o faz comparando o inferno da Shoah com o inferno alegórico de Dante Alighieri – e apontando para como a criação parece perder força. A resposta, porém, vem na forma de um outro poeta, o judeu Yehudah Halevi e sua crença em uma nova vida, numa nova terra.

No poema seguinte surgem uma série de questionamentos que são respondidos no poema seguinte, alcançando o clímax triunfal em que o eu lírico – o poeta – assume definitivamente seu papel no mundo e aceita, agora sem dúvidas, o poder da poesia:

Eu sou a avalanche, a bétula, o espelho  
Eu sou o eco do silêncio, em todo seu redor

Encontre os sons, imagens, uma fome pode surgir  
Lhes dê vida, brilho, descreva! E assim nos demos adeus.

O último poema de *ode tsu der toyb* é um epílogo a essa narrativa, no qual há um equilíbrio harmônico, quase clássico, das tensões que surgiram ao longo do poema, uma conciliação entre o artista e seu lugar no mundo – há o renascimento, a reconstrução do templo.

Esse equilíbrio e o procedimento de diálogo interior que possibilitou que fosse atingido persistem, a partir de agora, por toda a obra posterior do poeta, recebendo mais ou menos atenção em momentos distintos. É em especial no volume *lider fun togbukh* (Poemas de meu diário), de 1977, que esse diálogo será retomado com sua força completa. O volume possui 180 poemas, a maioria deles compostos por quatro quartetos – a harmonia das formas neoclássicas tão caras a Sutskever. De forma geral os poemas podem ser definidos, como uma série de meditações a respeito da vida, do tempo e do fazer poético – mais uma vez o poeta retoma as imagens e discussões presentes em poemas anteriores, a respeito do lugar da poesia. Ainda que agora este lugar já esteja sabidamente assegurado, o diálogo é constante e o tempo faz com que a ele somem-se novas questões acerca da memória e do esquecimento. Pode-se dizer, citando Daniel Kac, que sobrevêm nesses poemas 'sombras de imagens e pensamentos' (2002, p.242-3) – quiçá mais sugestões de que a efetivação dessas ideias. Exemplifico com um último poema, retirado desse volume, no qual há uma sensação de efemeridade do eterno, e no qual questiona-se a validade da permanência das coisas – tal como antes foi questionado o lugar da poesia:

Quem vai restar, o que vai restar? Vento vai restar.  
A cegueira restará, de quem não pode enxergar.  
Uma linha de espuma, quem sabe, do mar o rastro  
Frágil nuvem, talvez, uma árvore como lastro.

Quem vai restar, o que vai restar? Uma expiração  
Que fará brotar a grama de uma nova Criação  
Um violino-rosa, talvez, por si só vá resistir  
E sete folhas de grama poderão discernir.

E das estrelas ao norte, em longínquo recanto  
A estrela que persistirá é a de maior pranto  
Resta uma gota de vinho no odre, gota rociante  
Quem vai restar, Deus vai restar, será o bastante?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARSHAV, Benjamin. Sutzkever: Life and Poetry. In: Sutskever, Abraham. **Selected poetry and prose**. Berkeley: University Of California Press, 1991. p. 3-32. (1991). Tradução do ídiche por Barbara e Benjamin Harshav.
- KAC, Daniel. **Wilno Jerozolima było**. Sejny: Fundacja Pogranicze, 2003. 398 p.
- LITVINE, Mordkhe. Der driter period in Avraham Sutskevers poezie. In: SADAN, Dov. **Yikhes fun lid**. Tel Aviv: Yoyvl-komitet, 1983. pp. 122- 146.
- SUTSKEVER, Abraham. **Lider fun togbukh**. Tel Aviv: di Goldene Keyt, 1977. 82 p.
- SUTSKEVER, Abraham. **Ode tsu der toyb**. Tel Aviv: di Goldene Keyt, 1955. 133 p.
- REGELSON, Avrom. **Ode tsu der toyb**. In: SHAZAR, Zalman; SADAN, Dov; Gross-Simerman, Moyshe. **Yoyvl-bukh tsum fuftsiqstn geboyren-țog fun Avraham Sutzkever**. Tel Aviv: o.fg., 1963. pp.105-109